

## BULLYING DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: NOVO DESAFIO NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES O PROFESSOR TAMBÉM PRÁTICA?

Eliane C. Araujo Schneider<sup>1</sup>  
Vanessa Mariane da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir a formação de professores diante da violência crescente nas escolas e, em especial, a prática do *bullying*, fenômeno caracterizado por um conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos entre sujeitos, apresentando um recorte diante de uma nova faceta apontada por estudiosos do assunto de que o *bullying* também é praticado pelos professores a partir de suas práticas pedagógicas. Fruto de um trabalho de pesquisa, foi desenvolvido através de revisões teóricas, além da escuta de alguns sujeitos envolvidos com o fenômeno: professores, alunos e supervisor escolar. A pesquisa apontou que o *bullying* está presente nas relações entre professor e aluno, portanto, há necessidade de revisitar as práticas pedagógicas, com auxílio do profissional da supervisão escolar. Diante da complexidade de ser professor, a formação docente precisa preocupar-se com a formação multifacetada do educador e o entendimento de que a sua prática pedagógica contribui com uma educação mais humanizadora.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Práticas Pedagógicas. Formação de Professores.

### ABSTRACT

This article has as main objective to discuss the teacher's education before the growing violence in schools, and, in especial case, the *Bullying's* practice, a phenomenon characterized by an aggressive and repetitive behavior conjunct between subjects, representing a jag towards a new facet pointed by the experts of this theme that the *Bullying* is also practiced by the teachers from their own pedagogical practices. Resulting from a research work, the article was developed through theoretical reviews and the listening to some involved people with the phenomenon: teachers, students and school supervisor. The research pointed that the *Bullying* is present in the relationship between teacher and student, wherefore there is a necessity to review the pedagogical practices, aided by the supervision professional of the school. Toward the complexity of being a teacher, the teacher's education needs to worry with a multifaceted formation of the educator and the understanding that its pedagogical practices contribute to a more human education.

**Keywords:** *Bullying*. Pedagogical Practices. Teacher's Education.

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Coordenadora e docente do curso de Pedagogia da Faculdade Cenecista de Osório. Professora da rede municipal de ensino de POA. E-mail: elianes@feevale.br

<sup>2</sup> Pedagoga com habilitação em Supervisão e Administração Escolar. Gestora de escola Educação Infantil. E-mail: escolaabelhinha@bol.com.br.

A violência escolar, nos últimos tempos, tem alcançado uma crescente dimensão em todo o mundo. Não só cresceu a violência entre os educandos, como também entre alunos e professores e até mesmo contra as próprias instituições de ensino. Essa violência é definida, por alguns autores, como *bullying*, um fenômeno atual, que vem merecendo uma atenção especial, pois está se tornando algo preocupante devido ao aumento de sua prática no âmbito escolar, sendo alvo de muitos estudos, discussões e reflexões no espaço educativo.

O *bullying*, no ambiente escolar, não se resume somente às relações entre os alunos, é algo muito mais sério e profundo, pois esse fenômeno abrange e toca todas as relações existentes dentro desse espaço, ou seja, pode ocorrer na relação professor e aluno, estando subjacente às práticas pedagógicas empregadas no ensino e na aprendizagem e, também, nas relações de poder e autoridade, dentre outros.

Diante dos desafios apontados na formação de professores, o artigo é resultado de um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia que teve por objetivo analisar as práticas pedagógicas dos professores e a sua relação com a manifestação do *bullying*. Frente aos apontamentos dos autores de que os professores também praticam *bullying* através das suas práticas pedagógicas, torna-se essencial que a formação inicial e permanente dos educadores abranja múltiplos saberes. Através de entrevistas com professores, supervisores escolares e questionários com os alunos, foi possível conhecer um pouco mais a respeito dos entendimentos e da manifestação do *bullying* e, principalmente, os efeitos causados por ele, mesmo na vida dos educandos.

### **BULLYING: UM FENÔMENO ATUAL**

*Bullying* deriva da palavra inglesa *bully*, que, como substantivo, significa valentão, tirano e, como verbo, brutalizar, tiranizar, amedrontar. Como prática, o termo significa formas de agressões intencionais e repetitivas, adotadas sem motivação evidente e direcionadas aos outros.

Dessa forma, o *bullying* é caracterizado por um conjunto de comportamentos agressivos repetitivos numa violência continuada, que pode ser física ou moral, contra alguém que não é capaz de se

defender, cujas consequências podem ser muito graves e desastrosas na vida de um indivíduo, conforme Constantini (2004).

Fante (2005) aponta que existem três tipos de pessoas envolvidas nas situações de violência, são elas: o espectador ou a testemunha, o agressor ou autor e o alvo ou a vítima. O espectador ou a testemunha é aquele que presencia as situações de *bullying* e não interfere e representa a maioria dos alunos que convive com o problema. De acordo com Guareschi (2008), o agressor ou autor é aquele que vitimiza os mais fracos e costuma manifestar pouca empatia. Ele impõe, mediante o poder, e ameaça para alcançar aquilo a que se propõe.

Quanto à vítima, é aquela frequentemente ameaçada, intimidada, isolada, ofendida, discriminada, agredida. Recebe apelidos e provocações, tem os objetos pessoais furtados ou quebrados. Vítimas ou alvos, expostos às ações negativas que causam danos, ferem e incomodam, são os indivíduos considerados mais fracos, pouco sociáveis, que têm temperamentos mais quietos, passivos, transformados em objeto de diversão por meio de “brincadeiras” que machucam (física e/ou emocionalmente), que podem causar desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento, interferindo em seu desenvolvimento social, acadêmico e emocional. O mesmo autor cita algumas das muitas consequências da prática do *bullying* com suas vítimas:

[...] os efeitos do *bullying* perpassam a vida escolar e tomam proporções maiores, podendo prejudicar o indivíduo em todos os âmbitos de sua vida, pois a possibilidade de crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa auto-estima, poderá fazer com que essa pessoa se torne um adulto com dificuldades de relacionamento, depressão e comportamento agressivo.

O comportamento *bullying*, de acordo com Guareschi (2008), pode ser classificado como direto ou indireto. *Bullying* direto ocorre quando as vítimas são atacadas diretamente, com apelidos, agressões físicas, ameaças, ofensas verbais, entre outros. Já o *bullying* indireto, geralmente, ocorre quando a vítima não está presente e os autores criam por meio de fofocas, intrigas e manipulação, situações

de exclusão, divisão, discórdia e indiferença para com a vítima, com o intuito de menosprezá-la e excluí-la do grupo.

Além dessas classificações, o fenômeno *bullying* pode se manifestar de quatro formas diferentes: verbal, físico, psicológico e como *cyberbullying*.

O *bullying* verbal acontece quando os autores agridem suas vítimas através de palavras e atitudes, como colocar apelidos, humilhar, ofender, ameaçar, insultar, acusar, entre outras formas.

O *bullying* físico pode ser caracterizado por um contato direto, intencional ou não, ferindo a vítima de alguma forma, ou seja, os autores agridem suas vítimas com ataques físicos, contra seu corpo ou algo que lhe pertence, causando, além de um transtorno psicológico, ferimentos graves. Dentre tantas, destacam-se atitudes como agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar.

O *bullying* psicológico é mais comum de acontecer, mas pode deixar traumas irreparáveis em suas vítimas; acontece quando se manifesta rejeição, exclusão, humilhação e ameaças. É praticado através de comportamentos maldosos, dos quais a vítima não sofre agressão física nem xingamentos, mas fica com dificuldades de se relacionar. Discriminar, excluir, intimidar, perseguir, isolar, amedrontar e dominar são alguns exemplos.

Já o *cyberbullying* é uma versão virtual do *bullying*, em que as crianças e os adolescentes da era digital se tornam “presas fáceis” dos malefícios tecnológicos de sua geração. Ele é caracterizado por atitudes agressivas repetidas e intencionais, depreciativas, ameaçadoras e humilhantes e praticado por meio virtual, ou seja, pela Internet.

Enfim, o fenômeno *bullying* envolve agressores, vítimas e observadores, gerando diferentes repercussões na vida de cada um deles.

De acordo com Aquino (1998), a questão da violência escolar nos mostra que ela pode ser interpretada de formas distintas: como violência na escola e violência da escola. A violência na escola é aquela que se manifesta na relação entre os alunos, que pode ser influenciada de alguma forma por fatores externos, ou seja, família, sociedade, mídia, preconceitos, ou entre alunos e professores, que pode acarretar prejuízos no processo de ensino-aprendizagem. Já a violência da escola é aquela que se dá através da dinâmica da instituição como forma de coerção sobre os alunos, isto é, seus programas, a organização do tempo e do espaço e as relações

de poder instituídas nesse contexto. Esta muitas vezes se reverte em reações dos alunos na forma de apatia, indisciplina e violência, que, geralmente, acabam sendo mal-interpretadas.

Dessa maneira, de acordo com o autor, a indisciplina escolar indica que existe uma recusa do novo sujeito histórico, que a sociedade atual produziu, em relação às práticas arraigadas no cotidiano escolar. A indisciplina é uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, mais fluida [...] diferente da escola de antigamente (AQUINO, 1998).

Há um consenso construído entre os teóricos acerca da violência escolar e extraescolar de que essas formas de violência são derivações de violências mais amplas, que marcam e são marcadas pelas diferentes relações sociais de classes, de gênero, etnia, instalando-se nos relacionamentos escolares como uma distorção do cuidar. No sentido dado por Boff (1999), cuidar compreende necessariamente envolvimento afetivo com o outro/a: Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo.

Atualmente vivemos em uma sociedade na qual a violência se tornou parte do nosso cotidiano e, nesse sentido, a escola como instituição pertencente a ela, por isso, acaba envolvida por esse problema.

Fante (2005, p.168) aponta que:

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. Este fenômeno é resultante de inúmeros fatores, tanto externos, como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiar e pelas expressões comportamentais agressivas manifestas nas relações interpessoais.

Para a autora, a violência é um fenômeno multifacetado, que foi social e historicamente construído e que provém de uma estrutura social construída no percurso da história da humanidade, seus sentidos se definem conforme seu contexto cultural, social e econômico, variando de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade.

No entanto, o *bullying* atualmente vem sendo objeto de estudo e discussão entre os profissionais da educação nas instituições de ensino, uma vez que está sendo frequentemente observado dentro do ambiente escolar, pois é nele que as crianças e os adolescentes passam a maior parte de seu tempo e é um lugar onde estabelecem relações sociais e humanas, as quais podem ser movidas pela ternura como também podem ser brutalizadas, agressivas e violentas, como mostra o *bullying*. Conforme Fante (2005, p.91),

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida.

Diante dessa perspectiva, é papel da escola, juntamente com a sociedade, refletir acerca do fenômeno que se dissemina aceleradamente em seu contexto e de intervir, impedindo que manifestações aconteçam. Educadores precisam ser capacitados para atuar na melhoria do ambiente escolar e nas relações interpessoais, promovendo ações de solidariedade, de tolerância e o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolva toda a comunidade escolar.

A cultura capitalista, patriarcal, individualista e intolerante às diferenças tem grande influência no que diz respeito ao *bullying* escolar, que, por sua vez, faz com que muitas instituições escolares passem a se estruturar enfocando, de forma exagerada, a competição, as regras, a avaliação, a recompensa, fazendo com que os indivíduos se sintam pressionados, passando a encarar essas estruturas como bloqueios contextuais que limitam suas opções e identidades, podendo contribuir para desenvolver atitudes de desrespeito e de *bullying*. Segundo Beaudoin e Taylor (2006, p. 26),

Os bloqueios geralmente provêm da cultura em um sentido mais amplo. As famílias e as comunidades têm seu papel de enfatizar - ou de não enfatizar

- certos discursos, bem como de acrescentar certas particularidades às crenças existentes, porém não as criam sem externas.

Podemos afirmar, de acordo com Guareschi (2008), que essa cultura permeia e se reflete no ambiente escolar, fazendo-se presente dentro dele. O autor ainda nos inquieta ao ressaltar:

Perguntamo-nos como se materializam na escola comportamentos como a competição, as exigências que essa competição traz, a maneira de avaliar o desempenho das tarefas, as recompensas, ou punições instituídas, e as próprias hierarquias de poder (p.20).

Dessa forma, a educação, nesse contexto de dominação e discriminação, precisa focar a urgência de resistir à construção de relações abstratas, superficiais, sem pertencimento, que gera egoísmo, individualismo, violência, massificação, subjugação e conformismo e, por isso, é imprescindível promover e cultivar uma cultura de paz, a qual produza convivialidade e justiça capazes de acolher a sociedade.

## **E O PROFESSOR, TAMBÉM PRÁTICA *BULLYING*?**

Conforme Guareschi (2008), o termo *bullying* remete a pensar na violência e nas agressões praticadas somente entre estudantes, contudo, o autor declara que o *bullying*, no espaço escolar, não se resume somente à relação entre os alunos. É algo muito mais sério e profundo, o fenômeno abrange e toca todas as relações existentes dentro do ambiente escolar, ou seja, ele pode ocorrer também na relação professor e aluno e está subjacente às práticas pedagógicas empregadas no ensino e na aprendizagem, bem como ressalta o autor, ao afirmar que “Alguns métodos pedagógicos utilizados também apresentam de forma embutida e disfarçada, aspectos culturais que, de certa forma, podem servir de estímulo para o *bullying*” (p.21).

Fante (2008, p. 44) ainda corrobora, admitindo que esse tipo de *bullying* praticado pelos docentes

[...] ocorre bem mais do que supomos. Não somente os professores, mas outros profissionais que trabalham

na escola. Muitos estudiosos vêm se dedicando a pesquisar o *bullying* na relação professor-aluno [...]. Muitos alunos são perseguidos, intimidados, ridicularizados, coagidos, e acusados. Esses autores comparam, chamam atenção publicamente, menosprezam, mostram preferência a determinados alunos em detrimento de outros. Rebaixam a auto-estima e a capacidade cognitiva, agridem verbal e moralmente, fazem comentários depreciativos, preconceituosos e indecorosos.

Portanto, segundo a autora, os alunos que sofrem *bullying* de seus próprios professores enfrentam um grande sofrimento dentro da escola e em sala de aula, pois essa agressão faz com que floresçam, nos educandos, sentimentos negativos, gerando a impotência, provocando a desmotivação pelos estudos, prejudicando, assim, seu desenvolvimento e seu rendimento escolar.

O *bullying* está presente também nas relações de poder e autoridade, pois ainda há docentes que preferem um ambiente de sala de aula estático, ao invés de dinâmico, transformando suas aulas em mera transmissão de conhecimentos, tal como ressalta a autora acima citada, ao afirmar que:

[...] muitos docentes temem que, com estilos educativos mais liberais, possam perder o controle da situação ou necessitem assumir compromissos pessoais nos quais não podem ou não querem se ver implicados. Assim, nessa indecisão, optam por ministrar suas aulas pelo método tradicional de ensino tornando mais um pesadelo que um momento mágico de aprendizagem (2008, p. 44)

Diante disso e de acordo com Beaudoin e Taylor (2006), pode-se afirmar que a influência dos educadores sobre o comportamento dos alunos pode contribuir, de modo significativo, tanto para o seu progresso como para o seu fracasso e, por isso, deve-se refletir sobre o papel dos educadores, suas práticas, as relações que estabelecem com seus educandos e o compromisso que se tem com a educação, para que possam ser tomadas iniciativas de intervenção nos momentos mais adequados e de maneira mais adequada, facilitando as aprendizagens

dos alunos em um ambiente onde haja respeito mútuo, solidariedade, afeto e cooperação, pois as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, porque é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida.

Guareschi (2008, p. 42) aponta que é exatamente nesta relação de dominação e autoridade que se registra um verdadeiro *bullying* e ainda complementa essa afirmação ressaltando que:

Alguns, talvez, estranhem chamar isso de *bullying*. Mas se formos refletir um pouco, veremos que é aí que está a origem de todas as demais dominações. Paulo Freire, ao discutir a história das dominações, mostra que quem detém a dominação do saber detém, conseqüentemente, o poder sobre todas as outras esferas, pois a dominação nos saberes produz a divisão social do trabalho, isto é, quem faz o que, com retribuições diferenciadas, conforme os saberes; e a divisão social do trabalho gera, além da divisão de classes, a exploração das pessoas e a miséria social.

Portanto, ser professor não se constitui em uma simples tarefa de transmissão de conhecimento, pois vai mais além e também consiste em ajudar o aluno a desenvolver valores e sentimentos como o amor ao próximo e o respeito. Conforme Piletti (1987):

Na sala de aula, os alunos não deixam de ser pessoas para transformar-se em coisas, em objetos, que o professor pode manipular, jogar de um lado para o outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não entende, como um fichário ou uma gaveta. O aluno é capaz de pensar, de refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. **O aluno é gente, é ser humano, assim como o professor**<sup>3</sup>.

Contudo, Guareschi (2008) acredita que não

<sup>3</sup> Grifo das autoras.

deva ser fácil para os docentes arrancarem de dentro de si e de sua mente, de seu coração, suas palavras e de suas próprias práticas pedagógicas, os pressupostos de uma pedagogia vertical e autoritária em que o saber não se constrói, é imposto; porém ele ressalta que os professores, para não se tornarem autores de *bullying* em sala de aula para com seus alunos, devem buscar manter, além de uma boa relação interpessoal, práticas pedagógicas que valorizem o diálogo e a troca de conhecimentos com seus alunos dentro de uma prática educativa dialogal, visando a uma educação autônoma, independente e libertadora, pois, de acordo com o autor, o verdadeiro educador é aquele que realmente sabe questionar o aluno no momento exato, colocando-o em contradição, para que, assim, o educando possa solucionar o problema, entrando num processo de caminhada autônoma. Ainda afirma que “Um sistema autoritário não suporta uma prática educativa dialogal, pois cedo ou tarde essa prática iria questionar as relações básicas, fundamentais, subjacentes à teoria que o fundamenta” (p.44).

Importante destacar que, para Fante e Pedra (2008), os professores também podem ser alvos de *bullying*, quando afirmam que os professores são assediados sexual e moralmente, humilhados, ameaçados, perseguidos, ridicularizados por seus alunos e até mesmo por seus colegas, sendo grande o número de profissionais que sofrem em seu ambiente de trabalho, sem saber o que fazer e, às vezes, a quem recorrer. Quando procuram a direção escolar em busca de auxílio, podem ser mal-interpretados e rotulados de incompetentes. Se chamarem os pais dos autores dos maus-tratos para uma conversa, a maioria não comparece. Se reclamarem aos próprios alunos, estes geralmente dizem que são brincadeiras inofensivas e que o professor é sensível demais. Tudo isso causa grande mal-estar aos profissionais, prejudica sua autoestima e o desempenho de suas funções, gerando acentuado estresse, desânimo e fadiga, que se refletirão nas relações familiares e com seus alunos e colegas de trabalho, além de aumentar a propensão à síndrome de *Burnout*.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Segundo Codo (2000), *Burnout* é a síndrome que afeta principalmente os trabalhadores encarregados de cuidar (care givers). É uma síndrome através da qual o trabalhador

Diante desse panorama, no cotidiano da escola, é necessário refletir a respeito dos fazeres docentes, das relações entre os professores, entre alunos e professores, buscando alternativas coletivas tanto para as práticas pedagógicas como para as relações interpessoais. O papel da supervisão educacional<sup>5</sup>, no acompanhamento pedagógico do professor ao ser motivado e questionado a respeito do seu trabalho, é fundamental, já que é dessa forma que o docente pode perceber aspectos positivos e negativos de sua proposta de trabalho, pois muitas vezes ele pode nem se dar conta de que o *bullying* pode estar subjacente aos seus métodos de ensino-aprendizagem, prejudicando, assim, seus respectivos alunos e sua relação com eles.

Sendo assim, o professor não deve se preocupar somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também com o processo de construção da cidadania do aluno. Para que isso ocorra, é necessária a reflexão, por parte do professor, de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à autorrealização, assim, o processo ensino-aprendizagem, nessa concepção, deverá ser comprometido com o aluno e sua realidade social, pois a interação transcende o espaço de sala de aula, constituindo-se também numa prática social. Por isso, é fundamental o professor reconhecer o compromisso consigo, com a sua escolha pela profissão e com os educandos. Isso implica uma revisão de prática pedagógica, pois, para se tornarem participantes desse processo,

---

perde o sentido de sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não importam e qualquer esforço parece ser inútil. Síndrome da desistência do trabalho. “A tensão entre a necessidade de estabelecimento de um vínculo afetivo e a impossibilidade de concretizá-lo é uma característica estrutural dos trabalhos que envolvem cuidado” (p.241).

<sup>5</sup> A participação dos profissionais da Supervisão Escolar, como sujeitos da pesquisa, deve-se ao fato de uma das autoras, no momento de escrita do artigo, ser concluinte do curso de Pedagogia com ênfase em Supervisão e Administração escolar e ter desenvolvido a sua pesquisa nesse âmbito. Ela pretendeu destacar a parceria supervisor e professores em busca da qualificação das práticas pedagógicas.

professor e aluno devem compreender sua realidade e suas experiências, organizando reflexivamente o seu pensamento e agindo de maneira diferente, bem como nos mostra Freire (2008, p. 116):

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um 'sine quae' da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua própria palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer [...]. É preciso que quem tenha o que dizer saiba que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.

Complementando, para Codo e Gazzoti (2000), o objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem dos alunos e, para que ela aconteça, muitos fatores são necessários: a capacidade intelectual e a vontade de aprender dos alunos, o conhecimento e a capacidade de transmissão de conteúdos por parte dos professores, mas, especialmente, a afetividade.

Ainda afirmam que:

[...] o professor faz parte do tipo de trabalhador que vem sendo chamado de care-givers, doadores de cuidado, assim como os enfermeiros [...]: desenvolve um trabalho onde a atenção particularizada ao outro atua como um diferencial entre fazer e não fazer a sua obrigação. Um trabalho que ou leva em conta os vínculos afetivos com o aluno, com o produto, com as tarefas ou simplesmente se não viabiliza (p.52).

Considerando-se as afirmações referentes ao *bullying* pedagógico e as relações professor e aluno, pode-se afirmar que a sala de aula é um lugar de aprendizado de valores e comportamentos, de

aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem-orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

### UMA BREVE ANÁLISE DO *BULLYING* DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Da pesquisa realizada com supervisores, professores e alunos<sup>6</sup> de três escolas pertencentes à cidade de Novo Hamburgo, por meio de questionários e entrevistas, emergiram as diferentes visões dos sujeitos da pesquisa a respeito do fenômeno *bullying* no ambiente escolar, mais especificamente entre professor e aluno, analisando e compreendendo, diante de suas manifestações, as relações que podem existir entre o *bullying* e as práticas pedagógicas e as relações interpessoais estabelecidas dentro do espaço educativo.

Ao serem questionados se conhecem ou já ouviram falar do fenômeno e se já presenciaram ou interviram em algum ato de *bullying*, a maioria dos professores entrevistados demonstrou conhecimento frente ao problema, apontando que o termo se trata de práticas agressivas e violentas entre sujeitos, bem como especifica a P1,<sup>7</sup> ao relatar que "*bullying é um termo inglês que significa 'intimidação', agressão*", enquanto outra salienta que o "*bullying significa qualquer ato de violência, seja físico ou verbal*".

Com exceção de um único professor, todos os demais já presenciaram a prática de *bullying* na escola em que atuam, seja verbal, psicológico ou físico. Afirmam ainda que essa prática ocorre diariamente - "*as agressões verbais são constantes*" - e, diante dessas agressões, os docentes afirmam que tentam intervir da melhor forma possível, com muita conversa e, se necessário, solicitam auxílio aos profissionais da orientação educacional e da supervisão escolar.

Ao serem questionados a respeito do *bullying* das práticas pedagógicas, acreditam que o professor também possa praticar o *bullying* contra seus alunos e que as práticas pedagógicas podem carregar

<sup>6</sup> Os sujeitos participantes da pesquisa foram três supervisores; nove professores e seis alunos.

<sup>7</sup> Os sujeitos desta pesquisa: professores e supervisores serão identificados pelas iniciais P e S acrescidas da numeração 1, 2, 3, 4...

consigo relações de dominação e violência. Para a P2: *“infelizmente o professor pratica bullying quando grita, ameaça ou ofende seus alunos, muitas vezes como forma de se defender e de poder exercer sua autoridade”*. A P3 afirma que o bullying das práticas pedagógicas *“com certeza acontece quando o professor faz uso de sua autoridade indevidamente, às vezes, humilhando ou agredindo o aluno com palavras”*. P4 vai mais além e afirma que, sem dúvida, pode ocorrer, *“pois há ‘didáticas’ e ‘didáticas’ do professor, ou seja, pode conduzir sua prática de forma positiva como negativa”*, pois, de acordo com ela, *“encontramos muitos professores que já têm anos de experiência que abusam da autoridade dentro de sala de aula, tratando seus alunos com grande indiferença e acredito que isso possa influenciar negativamente na vida destes alunos”* e *“acaba interferindo na aprendizagem dos mesmos”*.

Ao serem indagados sobre como conduzem suas prática pedagógica e como se estabelecem as relações interpessoais em suas salas de aula para com seus alunos, grande parte declarou que tenta respeitar cada um de seus alunos como um ser único, com características e limites individuais, porém admitem que não é fácil. P5 diz: *“tenho como princípio o respeito ao próximo, mas reconheço que está cada vez mais difícil respeitar, pois o professor não é mais respeitado, então torna-se impossível manter a calma e a paciência”*, bem como *“tento ser ética ao colocar em prática o exercício de minha profissão, porém confesso que posso já ter falhado e praticado este bullying em sala de aula, pois atualmente nos deparamos com alunos cada vez mais difíceis e acabamos por abusar da autoridade para contê-los”*. A P6 acrescenta: *“sou uma professora que respeita a individualidade de cada aluno, tratando-os com respeito acima de tudo. Tento manter uma boa relação com os mesmos para termos uma boa convivência e a aprendizagem ocorra de maneira tranquila. Quanto a minha maneira de conduzir este processo, procuro transmitir o conhecimento com muita didática e ética”*.

Quando questionados se também podem se considerar vítimas de *bullying*, disseram ser considerados vítimas, sem dúvida, pois, conforme relataram, há uma grande dificuldade de lidar com os alunos, uma vez que estão se tornando muito agressivos e violentos, o que acaba por prejudicar suas aulas e até mesmo suas relações para com eles,

não há respeito algum.

Portanto, de acordo com os diferentes posicionamentos dos docentes, pode-se afirmar que o *bullying* das práticas pedagógicas existe e está presente dentro de muitos espaços educativos, contudo, para que essa prática não ocorra, os alunos, assim como os professores, precisam investir em relações de afeto, de comprometimento e responsabilidade uns com os outros.

Nas entrevistas realizadas com os supervisores, foi possível observar, através de suas falas, que, mesmo sendo o *bullying* um fenômeno de origem inglesa, todos apresentam ter um bom conhecimento sobre o verdadeiro significado do termo. O S1 ainda acrescenta afirmando que o *bullying* é *“qualquer atitude agressiva contra alguém, com a intenção de humilhar”*. Afirmaram, ainda, que o *“bullying é uma palavra nova para acontecimentos antigos”*, bem como ressalta Fante (2008, p. 52), ao afirmar que: *“o bullying sempre existiu desde que a escola existe. Porém, somente há pouco mais de três décadas é que se tornou assunto estudado, com parâmetros científicos”*.

Diante do *bullying* pedagógico, destacam que *“o professor tem em mãos o poder de elevar a autoestima de seus alunos, como também acabar com qualquer perspectiva de crescimento deles. Assim, o professor deve ter o cuidado de não apontar defeitos, amedrontar, excluir, enfim, recair no mesmo erro, praticando bullying contra seus alunos. No momento em que vai chamar a atenção, ele pode fragilizar seu aluno, apontando nele uma característica negativa que o discrimina ou humilha e, se o fizer de forma contínua, poderá caracterizar uma forma de bullying”*.

A S2 acredita que o professor pratica *bullying* contra seus alunos, quando *“não tem o suporte e o amparo adequado e transforma suas aulas em algo insignificante para os alunos, deixando-os desmotivados, dedicando-se somente à transmissão do conteúdo e nada além”*.

Todavia, para que as práticas de *bullying* não se tornem comuns no trabalho dos docentes, é necessária a parceria do supervisor escolar, oferecendo apoio pedagógico aos professores, para que estes possam dirigir suas práticas da forma mais adequada, pois é o coordenador pedagógico quem deve propiciar momentos de estudo e reflexão do trabalho docente, para que, juntos, estabeleçam propostas pedagógicas construtivas e inovadoras,



bem como propõe Ramos (2008, p. 86), ao destacar que o fazer do supervisor “[...] requer parceria e comprometimento do grupo, saber ouvir, aceitar, buscar, prosseguir, retomar, assumir riscos, propor inovações, respeitar idéias e motivar o grupo a buscar o crescimento [...]”.

Dessa forma, os supervisores entrevistados também destacam suas responsabilidades frente ao *bullying* pedagógico afirmando que seu trabalho e seu papel “é fundamental”, pois é do coordenador que “deve partir a mediação e a intervenção com o autor-professor, evitando o problema”, ou seja, deve estar sempre acompanhando e interagindo com os docentes, estabelecendo uma parceria com eles, uma boa relação entre si, para obterem resultados positivos numa troca de experiências e conhecimentos constantes. Para S3, “o supervisor, antes de tudo, é um professor e precisa ter a capacidade de se colocar no lugar do outro”.

Ao serem questionados sobre os momentos que dedicam ao assessoramento e ao acompanhamento do trabalho do professor e de que forma isso ocorre, os entrevistados afirmaram que é através de observações, reuniões pedagógicas que visem ao estudo e à formação continuada dos educadores, conversas formais e não formais. Destacam que, “quando há um bom tempo disponível, o supervisor procura acompanhar o trabalho dos professores, observando seus diários de classe, analisando seus trabalhos avaliativos e a qualidade do seu planejamento, indicando novas técnicas e apontando sugestões para enriquecer a sua tarefa docente”.

Sendo assim, fica evidente, diante dos posicionamentos dos supervisores, que eles estão cientes da existência do *bullying* das práticas pedagógicas nos ambientes escolares, assim como da sua responsabilidade como supervisores em trabalhar e acompanhar o trabalho docente, com o intuito de amenizar esse fenômeno, buscando, juntos, alternativas de trabalho pedagógico.

O questionário proposto aos alunos teve por objetivo destacar seus sentimentos em relação à escola, suas aprendizagens, a relação entre professor e aluno e o que sabem sobre *bullying*. No que se refere ao ambiente escolar, a maioria dos participantes destacaram sentir-se felizes dentro dos espaços escolares em que estão inseridos e manifestaram suas opiniões, ressaltando que consideram a qualidade do ensino e as amizades

construídas como um aspecto positivo das escolas.

Ao serem questionados se estão satisfeitos com o processo de ensino e aprendizagem e se apontariam algo que poderia ocorrer de forma diferente, grande parte dos alunos envolvidos na pesquisa demonstrou pouca satisfação, destacando que os professores poderiam dinamizar mais as aulas, para que se tornasse algo prazeroso. Um aluno destaca: “na minha opinião, poderia ser feito mais aulas práticas”. Ainda ressaltam que os professores devem “encher menos o quadro de conteúdo” e que os docentes poderiam repensar “algumas formas de nos tratar”. A respeito do relacionamento professor e aluno, ficou evidente que todos os participantes consideram essa relação muito importante, apesar de a maioria deles estar insatisfeita, mas, ao mesmo tempo, eles demonstraram satisfação, destacando que “os professores tratam a gente bem e são simpáticos”; “em todos os anos que tenho de estudo, sempre tive uma ótima relação com professor”. Ainda afirmaram que muitos professores, “por causa do tratamento, marcam a vida escolar de seus alunos negativamente”. Diante disso, é necessário que o professor perceba que a maneira como guia sua prática e, conforme estabelece a relação interpessoal dentro do espaço educativo, pode contribuir tanto positiva quanto negativamente na vida de seus educandos.

Diante desta pesquisa realizada, é importante destacar que todos os participantes, sejam eles professores, supervisores e alunos, têm conhecimento do fenômeno *bullying* nas escolas e as consequências que suas práticas podem trazer ao ambiente escolar e às suas vítimas.

Ainda foi possível perceber que os professores e os supervisores reconhecem que as práticas pedagógicas também podem carregar consigo relações agressivas de domínio e autoridade.

E, diante disso, cabe ao professor, com o auxílio do supervisor escolar, estar em constante reflexão sobre a ação, para que possam buscar sempre o aprimoramento e uma boa sustentação para suas práticas.

Portanto, a leitura deste estudo nos remete a refletir sobre o caminho da formação docente, as ações e as relações que se estabelecem com os educandos, para que se possa, através da reflexão, evitar que esse e outros fenômenos se façam presentes nas práticas.

Diante desse contexto, apropriando-se dos apontamentos de Nóvoa (apud Alves, 2002, p.84), é possível dizer que o

[...] amanhã da profissão docente – um amanhã que organize o hoje – não está certamente numa visão idílica do papel da escola e dos professores, cuja ilusão não é mais possível nos dias de hoje (lembre-se, no entanto, que denunciar a ilusão não é renunciar a ter esperança). Os professores não são certamente ‘salvadores do mundo’, mas também não são meros agentes, de uma ordem que ultrapassa. Só através de uma reelaboração permanente de uma identidade profissional, os professores poderão definir estratégias de ação que não podem mudar tudo, mas que podem mudar alguma coisa. E esta alguma coisa não é coisa pouca.

Para tanto, os professores, ao procurarem se apropriar de práticas inovadoras, produtivas e construtivas, podem estabelecer bons vínculos afetivos com seus alunos, para que, assim, ocorra um processo de ensino e aprendizagem significativo dentro de um espaço mais tranquilo e harmonioso, no qual o respeito à individualidade do outro seja aspecto fundamental, considerando ainda que não se pretende a culpabilização de um e outro, mas o entendimento de que o movimento em torno do fenômeno *bullying* é coletivo e envolve professores, alunos, família, sociedade, escola, entre outras instâncias.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas práticas. São Paulo, SP: Summus, 1998.
- ALVES, Nilda (Org.). **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CODO, Wanderley; GAZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes/ Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de psicologia do trabalho, 1999.
- CONSTANTINI, A. **Bullying**: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. São Paulo: Itália, Nova Editora, 2004.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz? 2 ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2005.
- FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar** - perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GUARESCHI, Pedrinho A.; SILVA, Michele Reis da (Coords.). **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- RAMOS, Inajara Vargas. **Coordenação pedagógica**. A resignificação de um espaço permeado pelo fazer, pelo saber e pelo aprender. Novo Hamburgo: Feevale, 2008.